

## JUVENTUDE BRASILEIRA: olhares de uma pesquisa

**Antero Maximiliano Dias dos Reis**\*

Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, 448 pp.

O livro *Retratos da juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional* foi organizado e apresentado pela socióloga Helena Wendel Abramo e pelo economista Pedro Paulo Martoni Branco, ambos com experiência na área de políticas públicas voltadas à juventude e à cidadania. Trata-se de uma obra de grande relevância, que dá continuidade ao Projeto Juventude, iniciado em meados de 2003, quando, naquele momento, resultou desta instigante pesquisa o volume: *Juventude e sociedade* – trabalho, educação, cultura e participação. A obra busca aprofundar e projetar o tema juventude na agenda política do País, divulgando e estimulando o uso do levantamento quantitativo dos dados provenientes da pesquisa – esta -, que serve de instrumento para que possamos compreender e tornar mais visível a complexa realidade que envolve os 34 milhões de brasileiros na faixa-etária entre 15 e 24 anos.

Os quatorze textos apresentados neste livro, ora na forma de artigos ora na de ensaios, buscam abordar a temática juventude a partir de vários ângulos. A obra, obviamente, não esgota o tema, mas nos possibilita construir algumas chaves de entendimento. Os estudos decorrem da análise dos dados colhidos entre os dias 22 de novembro e 22 de dezembro de 2003, quando uma equipe de mais de trezentos pesquisadores realizaram 3.501 entrevistas em 198 municípios, situados em áreas urbanas e rurais, em todo o território nacional. Tal levantamento quantitativo partiu de quatorze blocos temáticos, com os quais se buscava

---

\* Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Professor Colaborador da Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: antero.reis@bol.com.br

conhecer o perfil sociodemográfico e a situação familiar. Os questionários foram elaborados no sentido de perceber a condição juvenil, na família, na escola, no mundo do trabalho remunerado e na cena política do País. A pesquisa procura verificar quais os valores e referências que norteiam as escolhas juvenis em nossa sociedade, quais suas preferências em relação à cultura, ao lazer e à mídia. De que forma ocorre a inserção dos jovens em espaços de participação e como eles percebem a política, o direito, a cidadania e as relações de gênero. O conjunto dos artigos procura interpretar as percepções juvenis sobre: sexualidade, AIDS, drogas lícitas, ilícitas, religiosidade e etnicidade.

No artigo “A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social”, o economista Paul Singer evidencia historicamente recortes geracionais que compuseram juventudes em diferentes tempos. O autor, ao analisar os dados, destaca que a geração atual se insere no contexto político através de temas, tais como solidariedade, respeito às diferenças, igualdade de oportunidades, temor a Deus e justiça social. Segundo o autor, a juventude atual deseja ajudar o mundo a mudar, mas não mediante a militância em políticas revolucionárias, mas pela ação direta, muitas vezes diluída no terceiro setor da sociedade. Singer ainda destaca que a juventude brasileira necessita ter sua cidadania respeitada, no sentido mais amplo de obter as bases materiais mínimas de sobrevivência, qualificando, desta forma, sua participação na construção de um país melhor.

Helena Wendel Abramo, em seu ensaio “Condição juvenil no Brasil contemporâneo”, observa que, quando buscamos precisar o termo juventude, a obviedade aparente desaparece, tornando-se uma categoria analítica complexa. Para a autora, o termo nunca esteve tão presente nas discussões e nas pautas políticas. Contudo, ainda permanecem grandes indeterminações e questionamentos do que afinal se entende por juventude. Destaca que por um longo período o jovem era visibilizado ou por ser de uma classe média escolarizada, ou por estar em situação de risco. Há uns dez anos este quadro se alterou, com a idéia de que os problemas juvenis não terminam aos dezoito anos de idade (descentralizando a juventude da adolescência), nem em razão do surgimento de novos atores. São estes, em grande parte, provenientes dos setores populares urbanos, que se expressam principalmente através de movimentos culturais, tais como: *hip-hop* e o *punk*. A autora investiga sentidos para a atual condição juvenil, levando em conta suas diversidades e desigualdades. A partir desta análise, há uma crítica à concepção clássica sobre a condição juvenil, que a considera fase meramente transitória entre a infância e a fase adulta. Enfatiza a necessidade de que os atributos socioculturais desse período sejam ressaltados e a participação juvenil, dignificada no meio social. Como bem lembra, através do apontamento de Maria Alice Forachi: “quando a crise

*da juventude se encontra com a crise social, ela emerge como categoria que condensa o debate sobre os rumos da sociedade” (p.70).*

O cientista político Antônio Lassase, em seu artigo *Brasil: jovens de norte a sul*, questiona a possibilidade de haver um mesmo jovem brasileiro presente em todo o território nacional. A partir desta questão, busca perceber em que medida se assemelham e diferem os jovens das diversas regiões do País. Trata-se da verificação de uma identidade nacional, que traz à luz aspectos comuns aos jovens brasileiros, matizando diferenças regionais que podem ser apropriadas segundo a aplicação de políticas públicas. Neste sentido, é possível falar de um jovem brasileiro, mas se deve ter em conta a diversidade cultural à qual se reporta este sujeito.

A socióloga Marília Pontes Sposito, que já há algum tempo discute os temas infanto-juvenis, em seu texto *Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil*, aponta para uma análise em torno da experiência dos jovens na família, no trabalho e na escola. Para a autora, a passagem da condição de jovem a adulto, traduzida no trânsito do privado ao público, é de grande relevância. Neste sentido, o desafio é compreender a condição juvenil no Brasil contemporâneo pelas diversas possibilidades de sociabilidades que se abrem, advindas de outras instâncias, como a convivência em grupo, o lazer, o consumo e a produção cultural. Ressalta, ainda, o papel da família que, particularmente para os jovens mais pobres, alinhava fortes laços de solidariedade.

No capítulo intitulado *Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas*, Pedro Paulo Martoni Branco reflete, a partir de dados da Organização Internacional do Trabalho, sobre a condição juvenil diante do desemprego. Sublinha que a faixa-etária entre 15 e 24 anos sofreu forte elevação ao alcançar cerca de 88 milhões de pessoas, representando 47% do total global de desempregados no mundo, ainda que isto signifique menos de 25% da população identificada como economicamente ativa. Destaca também que no Brasil o quadro não é menos dramático, podendo chegar a uma porcentagem três vezes maior em relação aos adultos desempregados. Esta situação leva os jovens a uma disputa acirrada pelas escassas vagas disponíveis. Estas, em sua maioria, não exigem qualificação e remuneram abaixo do salário mínimo, constituindo-se em vínculos empregatícios precários e situações de pouca ou nenhuma segurança, sendo comum a demissão. Pautando-se nesta perspectiva, o autor propõe uma série de ações públicas e políticas voltadas ao estabelecimento de um novo padrão de intenção estatal referente ao trabalho juvenil.

No sexto capítulo da obra, a socióloga Nadya Araújo Guimarães afirma, em seu texto - *Trabalho: uma categoria chave no imaginário juvenil?* -, que o trabalho continua ocupando

lugar de referência para os jovens brasileiros, não sendo, portanto, "subjeticamente periférico" em suas percepções, comportamentos e atitudes. Estes protagonistas juvenis brasileiros, segundo a autora, apresentam-se como uma juventude envolvida com o trabalho, tanto na busca de emprego quanto no intuito de ascender socialmente através de melhores ocupações, contrariando a perspectiva teórica, segundo a qual o trabalho não teria um significado central para a atual sociedade. A questão do elo entre juventude e trabalho em países como o Brasil, seja em virtude da necessidade premente que os jovens manifestam em relação à ocupação profissional, seja como direito a ser conquistado porque muitos o consideram como tal, mostra-se produtora de valores inestimáveis. Estas mesmas representações sociais relativas às trajetórias ocupacionais manifestam-se nas questões subjetivas, as quais estão ainda associadas a um trabalho provedor, produtor de independência, crescimento e autorrealização. Neste sentido, longe de descentrarem o trabalho em suas expectativas de vida, os jovens permitem entrever uma pluralidade de significados que partem das experiências provenientes de sua inserção ou não no mundo do trabalho.

No texto seguinte, intitulado *Culturas do Lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros*, os educadores Ana Karina Brenner, Juarez Dayrell e Paulo Carrano investigam a dinâmica da ocupação do tempo livre pelos jovens, demarcando como de fundamental importância para a sociabilização as atividades de lazer. Para os autores, é sobretudo no tempo livre que os jovens edificam suas experiências, identidades, identificações e expressões socioculturais. Daí a necessidade de produzir políticas públicas voltadas para esta área. Políticas de inclusão que privilegiem a ampla participação dos atores juvenis em projetos culturais, tendo em vista que este é um direito previsto em uma cidadania plena.

O oitavo capítulo desta obra - *Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para reflexão* -, de autoria da psicóloga Gabriela Calazans, traz à cena a discussão sobre sexualidade juvenil. Para a autora, um desafio premente é o de compreender a experiência dos jovens em relação à sexualidade como diversa, contextualizada e complexa, longe de ser "naturalizada". A sexualidade, segundo o discurso médico, quando relacionada a etapas da vida humana - como a adolescência - é nada mais que um processo de amadurecimento hormonal. O tema da sexualidade atualmente tem transversalizado diversos campos do saber da sociedade, mas é no discurso do Direito que tem encontrado seu mais forte aliado, uma vez que a religiosidade e a moral perderam muito espaço. A tolerância social em relação às outras experiências deu-se em função dos movimentos da Contracultura, a partir dos anos 1960, da busca de equidade pelas feministas e, mais recentemente, da luta dos homossexuais por direitos, tais como o direito de herança ao companheiro. Estas questões têm

impactado as gerações contemporâneas, atingindo fortemente os jovens. No entanto, diante dos dados apresentados na pesquisa, assuntos como trabalho, educação, segurança, violência e cultura são preteridos frente ao tema sexualidade.

No texto *Juventude rural: projetos e valores*, a antropóloga Maria José Carneiro infere, primeiramente, que o interesse pelo universo sociocultural dos jovens rurais é muito recente. Estes, geralmente, ficam restritos à ótica da divisão social do trabalho no interior da família. Segundo a autora, é necessário dar visibilidade aos jovens rurais quanto à sua participação nas diversas esferas da vida social, inclusive para que possam ser inseridos com maior atenção nas políticas públicas e em programas de combate à pobreza. Esta visibilidade é fundamental para que se supere o estereótipo baseado na noção urbana de juventude, sustentado pela percepção da existência de um espaço juvenil de irresponsabilidade em contraposição ao mundo adulto. No setor rural, a sobrevivência dos jovens trabalhadores lhes adianta, muitas vezes, o papel conferido aos adultos e os faz assumir a condição de chefes de família a partir dos 15 anos de idade, ou menos.

A antropóloga Regina Novaes, experiente pesquisadora da juventude urbana, discute no décimo capítulo desta obra que, assim como classe, gênero, raça ou cor, local de moradia, opção sexual, estilo ou gosto musical, a religião pode ser vista como um dos aspectos que compõem o grande mosaico de diversidade da juventude. A autora constata que a religião ocupa lugares surpreendentes entre os assuntos que os jovens mais gostariam de discutir, não só com os pais, mas também com os amigos e a sociedade. A religião deve ser compreendida enquanto transversalizada por diversos aspectos sociais, dentre eles desemprego e violência. Novaes observa que as instituições religiosas produzem espaços que se constituem em lugares de agregação social, identidades e formação de grupos. Estes jovens, motivados por valores de pertencimento religioso, passam a atuar no campo político e, conseqüentemente, atuam em associações e movimentos partidários. Ao analisar o perfil dos jovens frente à diversidade de cultos religiosos que encontramos no Brasil, a autora destaca que a religião faz parte de uma diversa e complexa vida social contemporânea, na qual proselitismos religiosos podem vir a significar o retrocesso de conquistas republicanas.

No texto seguinte, *A juventude negra*, as sociólogas Genilda Santos e Rosângela Borges, juntamente com a psicóloga Maria José P. Santos, buscam fazer uma releitura das relações socioraciais brasileiras a partir da análise dos dados colhidos na pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”. As autoras, sob a perspectiva teórica do movimento negro, abordam o jovem negro brasileiro em um contexto de globalização econômica, procurando compreendê-

lo a partir de suas experiências, como o racismo, a violência, o trabalho, a educação, etc., chamando a atenção para as gritantes desigualdades que afetam tal condição juvenil.

O outro artigo traz à tona o tema da drogas lícitas e ilícitas. A psicóloga Beatriz Carlinni-Marlat avalia que, diante das dimensões sociais que tal assunto atinge, tanto no que diz respeito às drogas ilícitas quanto às lícitas, sobrevém o silenciamento. De acordo com a autora, quando falamos em drogas lícitas, estamos discutindo oligopólios corporativos de interpenetração financeira, pois o fumo e o álcool entram no mundo juvenil através do consumo em massa, obedecendo à lógica do capitalismo globalizado. Já em relação às drogas ilícitas, o problema, é que a instituição pública não consegue competir minimamente com o tráfico enquanto profissão no mundo juvenil, primeiramente, porque ainda não o vê como uma atividade laboral e, por conseguinte, não produz políticas públicas apropriadas para este quadro complexo da sociedade civil.

Paulo J. Krischike discute, no penúltimo artigo da obra, a adesão à participação democrática por parte dos jovens. Para o autor, esta se expressa por intermédio do exercício de uma cultura política. Ao analisar os dados levantados pela pesquisa, Krischike se opõe às interpretações que constantemente apontam para a despolitização e desqualificação da participação dos jovens na política democrática, ressaltando multiplicidade de participações alternativas, tais como o associativismo.

Por fim, o texto *Maiorias adaptadas, minorias progressistas*, de autoria do sociólogo e cientista político Gustavo Venturini e da pesquisadora Vilma Bokany, critica as interpretações provenientes da mídia em relação à pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, na qual os jovens foram rotulados de conservadores e despolitizados. Os autores entrecruzam as diversas temáticas que nortearam a obra para concluir que a juventude atual é tão progressista quanto as juventudes de outros tempos.

O livro traz ainda, em seu início, uma discussão metodológica, na qual Venturini analisa o levantamento dos dados estatísticos. Estas informações foram sistematizadas em gráficos, que estão à disposição dos leitores ao final do volume, sendo importantes instrumentos de análise para a aplicação e auxílio de políticas públicas e pesquisas voltadas à juventude. Neste sentido, esta é uma importante obra que auxilia na compreensão e na visibilidade de questões ligadas ao tema juventude. Não precisamos ressaltar a relevância das pesquisas quantitativas; cabe-nos observar, no entanto, que podem auxiliar ou vir a ser auxiliadas por estudos qualitativos. Neste sentido, as experiências cotidianas dos protagonistas juvenis não podem passar despercebidas, permitindo equacionar a ação voluntária dos atores com as coerções estruturais. A intenção do livro, de produzir análises

técnicas voltadas às políticas públicas em um conjunto de ensaios e artigos, obteve êxito. O que nos chama a atenção é a ausência quase completa de historiadores na obra.

Recebido em: 26/06/2008

Aprovado em: 07/11/2008